



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **A Festa de São Jorge/Ogum no Rio de Janeiro: Guerreiros que Desconhecem Limites Fundam um Lugar de Encontro em Meio à Paisagem Urbana**

**Dr. Leonardo Carneiro – UFJF**  
**leonardo.carneiro@ufjf.edu.br**

### **1. Apresentando as armas**

O artigo de Sahr (2001) – *O mundo de São Jorge e Ogum: contribuição para uma geografia da religiosidade sincrética* – foi responsável por um desencadeamento de questões que finda nestes escritos. Isso porque esse foi o primeiro artigo com que tive contato em que se discutiam religiosidades afrobrasileiras sob a ótica da Geografia, a partir de análises comparativas entre o culto a São Jorge e o culto a Ogum.

A aparência de São Jorge nos cortejos tradicionais do Rio de Janeiro e no dia de Corpus Christi foi intensamente ligada à representação do poder público. A procissão se direcionava da capela de São Jorge, local sacralizado e representativo do santo, ao Largo do Paço (hoje Praça XV), lugar central do poder institucional.

A relação de Ogum com o poder é bem diferente.

O espaço de poder religioso de Ogum, contrariamente, apresenta-se em uma teia de relações particulares, muitas vezes invisíveis para a sociedade em geral. Aplica-se a esse caso outro conceito de poder (SAHR, 2001, p. 61).

Desse modo, o artigo servira como propulsor de muitas especulações que eu pudera pensar sobre algumas festas de fundo religioso que revelam a continuidade entre o catolicismo e algumas religiosidades afrobrasileiras na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, inquietava-me Sahr, em seu artigo, descrever e discutir o cortejo de Corpus Christi, porém, não descrevia nem discutia o culto a Ogum. As considerações sobre Ogum terminavam com a declaração anteriormente transcrita: "Aplica-se a esse caso outro conceito de poder".

Percebo que faltou a Sahr observar essa relação a partir do "sagrado vivido" que propõe outras chaves de compreensão do fenômeno. Desse modo, munidos com o objetivo de viver e vivenciar São Jorge e Ogum, dirigimo-nos à festa de São Jorge no Campo de Santana. Antes, porém, rememoremos um pouco a história desse santo e sua relação simbólica com o orixá "correspondente", que é Ogum.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

São Jorge nasceu na Capadócia<sup>1</sup> no ano de 280. No final do século III, o cristão Jorge trocou a Capadócia, na Turquia, pela Palestina, vindo a ingressar no exército de Diocleciano. Jorge logo se destacou, sendo elevado a conde e depois a tribuno militar. Tudo ia bem, até que as perseguições aos seguidores de Cristo reiniciaram. Jorge não quis negar sua fé, fazendo com que Diocleciano se sentisse traído. O imperador, então, condenou-o às mais terríveis torturas. E Jorge conseguiu vencer todas elas. Suportando uma dor atrás da outra, o filho da Capadócia suportou as lanças dos soldados, permaneceu firme sob o peso de uma imensa pedra, obteve a cicatrização imediata das navalhadas que recebeu e resistiu ao calor de uma fornalha de cal. A cada vitória sobre as torturas, Jorge ia convertendo mais e mais soldados. O imperador, contrariado, chamou um mago para acabar com a força de Jorge. O santo tomou duas poções e, mesmo assim, manteve-se firme e vivo. O feiticeiro juntou-se à lista dos convertidos, assim como a própria esposa do imperador. Essas duas últimas "traições" levaram Diocleciano a mandar degolar o ex-soldado em 23 de abril de 303. Conta-se ainda que o militar matou um dragão para salvar a filha do rei de Selena e todos os habitantes dessa cidade (Líbia). No século XIV, Jorge já é admitido como patrono da Inglaterra e também de Portugal, Veneza e Gênova. Sua popularidade está no auge. Com o fim da era da cavalaria e com o advento do protestantismo, o culto a São Jorge sofre alguns abalos. Contudo, permanece forte entre as camadas populares, resistindo até mesmo ao expurgo no calendário religioso promovido pelo papa Paulo VI, que retira o *status* de santo dos personagens sobre os quais não há evidência histórica.

Nas religiões afro-brasileiras no Rio de Janeiro, São Jorge é sincretizado ao orixá Ogum – orixá guerreiro do Reino de Ifé, na Nigéria. Ogum é um orixá guerreiro e protetor, ligado aos caminhos, às guerras, à tecnologia e aos conflitos; era ainda o conhecedor do segredo da forja do ferro, com o qual produzia ferramentas para a agricultura, a caça e a guerra. Era filho de Odudua, rei da cidade de Ifé. Tornou-se um Onirê, o Rei da cidade de Irê, após alguns episódios de sangrentas guerras entre o reino de Ifé e o reino de Irê. Com suas conquistas militares, Ogum alcançou prosperidade ao seu reino e prestígio mediante seu pai, Odudua. Foi alvo de traição, de mal-entendidos e

---

<sup>1</sup> A Capadócia é uma região da Turquia. É conhecida por sua singular paisagem lunar, suas cidades subterrâneas que serviram de abrigo aos antigos cristãos, bem como suas casas e igrejas escavadas nas rochas. Fonte: *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Disponível em: <http://wikitravel.org/pt/Capad>>. Acesso em: 29 jun. 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de injustiça, sendo desprezado por aqueles que quando dele precisaram, o entronaram como o rei de Irê. Alguns itans contam que Ogum foi um ébora (ser humano) que se tornou Orixá. Outros falam que Ogum vencia guerras sem possuir um exército e que ele fora tragado pela terra quando percebeu haver cometido uma grande injustiça.

Encontramos o seguinte relato sobre Ogum<sup>2</sup>:

Foi Ogum quem ensinou aos homens como forjar o ferro e o aço. Ele tem um molho de sete instrumentos de ferro: alavanca, machado, pá, enxada, picareta, espada e faca, com as quais ajuda o homem a vencer a natureza. Em todos os cantos da África negra Ogum é conhecido, pois soube conquistar cada espaço daquele continente com a sua bravura. Matou muita gente, mas matou a fome de muita gente, por isso antes de ser temido Ogum é amado.

Sua cor na umbanda é o vermelho; no Candomblé, azul-escuro, por vezes, o verde. Essa composição sincrética formada a partir de São Jorge-Ogum tornou-os nos mais populares ídolos religiosos no Rio de Janeiro, a ponto de se tornarem os patronos da maior parte dos times de futebol e das escolas de samba da cidade. O culto a São Jorge é maior que o culto a São Sebastião – santo padroeiro da cidade – ou a Nossa Senhora. Essa popularidade não pode ser entendida afastada do sincretismo a Ogum, justamente em “clássicos” ambientes onde predominam a raça e a cultura negra no Rio de Janeiro – no samba e no futebol.

Esse modelo sincrético possui, ao menos, quatro possibilidades ritualísticas que podem aparecer mescladas entre si: (i) o culto a São Jorge praticado por algumas igrejas católicas espalhadas pela cidade; (ii) o culto a Ogum nos terreiros de umbanda, onde é venerada a imagem de São Jorge e onde lhe são endereçadas orações; (iii) o culto a Ogum nos barracões de candomblé, onde não aparecem referências ao santo católico; (iv) o culto sincrético que ocorre, por exemplo, no dia 23 de abril, na Igreja de São Jorge do Campo de Santana e em suas redondezas, onde e quando as três manifestações anteriormente apontadas ocorrem no mesmo tempo e no mesmo espaço.

## **2. A Festa, a Cidade de fronteiras abertas e a Batalha do encontro: o diário de campo de uma experiência ecumênica**

Na rota em que seguimos em direção ao Campo de Santana, no dia 23 de abril de 2008, pouco antes das cinco horas da madrugada, passamos pela Lapa, em uma véspera

---

<sup>2</sup> <http://ocandomble.wordpress.com/os-orixas/ogum/>. Consulta em 11/03/2011.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de feriado municipal – Dia de São Jorge<sup>3</sup>. Devido à movimentação noturna do bairro, onde milhares de jovens se embalam na madrugada, nós nos deparamos com um pequeno congestionamento no trânsito. Entramos pela Rua dos Inválidos até alcançar a esquina da Praça da República.

Havia nesse ponto alguma movimentação: alguns bares estavam abertos, “flanelinhas” guiavam os motoristas até as vagas, trabalhadores montavam equipamentos de som em um palco e pessoas passavam. Descemos do táxi e, no caminho para a igreja, encontrávamos inúmeras barracas onde alguns jovens, provavelmente na “saideira” da Lapa, conversavam em algumas mesas. Aos poucos nos aproximávamos da igreja e notávamos uma concentração de pessoas cada vez maior. Encontramos uma multidão (quase) silenciosa que se espalhava pelas ruas. Apesar de ainda estar escuro, podíamos perceber os sujeitos presentes na multidão.

Mulheres negras elegantes trajavam vestidos vermelhos e brancos; moças animadas questionavam se a maquilagem usada para a noite não estava muito forte para o dia que se anunciava. Mulheres acima dos oitenta quilos equilibravam-se em saltos altos. Homens negros elegantes trajavam boas calças de linho branco e camisas vermelhas; abadás brancos e vermelhos; ternos brancos e chapéu-panamá; calças vermelhas, calças *jeans*, camisas com estampas de São Jorge. Homens magros, fortes ou gordos, brancos, negros ou mulatos pareciam como que saídos de uma escola de samba: uma bateria ou uma diretoria inteira. Homens e mulheres cristãos oravam solenemente. Jovens, adultos e anciãos formavam diversificada e harmoniosamente uma multidão que não era qualquer multidão. Casais oravam, casais passeavam. *Gays* oravam, *gays* passeavam. Lésbicas oravam, lésbicas passeavam. Homens sozinhos, ou em grupo, mulheres sozinhas ou em grupo: os corpos se encontravam naquele lugar e naquele momento. Homens de sapatos brancos, vermelhos ou brancos e vermelhos – modelos exclusivos. Vendedores ambulantes vendiam toda sorte de aparamento de “Jorge”. Famílias oravam e passeavam. O ambiente é de respeito. Travestis em vestidos comportados compartilham a multidão.

Aquele conjunto se diferenciava de outros conjuntos que cotidianamente se formam na metrópole. Anéis, pulseiras, cordões, medalhas, fitas, estandartes, fios de

---

<sup>3</sup> O governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, decretou, no ano de 2008, que o Dia de São Jorge é também feriado estadual.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

conta vermelho e branco, fios de conta azuis; São Jorge/Ogum estava presente em praticamente todos os corpos, corações e mentes. Havia algo que unia a multidão em todas as suas diferenças: o culto a São Jorge, a São Jorge/Ogum ou a Ogum. Tudo diferente, cada um no seu intermundo, mas, ao mesmo tempo, todos juntos com os iguais e com os diferentes. Conflitos? – poderão me perguntar – Respondo: poucos.

A missa começara há algum tempo e era transmitida por caixas de som para essa multidão do lado de fora – poucos conseguiam entrar na pequena igreja. Ao seu redor, todas as ruas estavam tomadas pela multidão. Uma flâmula da “Paz” caía sobre o telhado da igreja, conclamando o clima do lugar. Em um determinado momento, o padre pede que os devotos façam seus pedidos a São Jorge: (quase) absoluto silêncio! Naquele momento, percebo que alguém não parava de tocar um atabaque; era o único som que se podia escutar – uma batida de umbanda. Ao me aproximar do atabaque, notei que as pessoas do entorno cantavam, baixinho, “pontos” de Ogum.

Ogum, vencedor de demanda,  
Quando vem de Aruanda  
É pra salvar filho de Umbanda.  
Ogum, Ogum Iara,  
Salve os campos de batalha,  
Salve a sereia do mar. [...]

Permaneci imerso na gira de umbanda, que só agora percebia existir. Naquela multidão disforme havia grupos, giras, rodas, orações individuais e coletivas. Começava a entender o todo e suas partes. No meio da gira, entretanto, a transmissão da missa desaparecia. Agora estávamos imersos em uma gira de Ogum emoldurada pela evidência visível da paisagem: a Igreja de São Jorge. Continuavam os pontos que agora me fazem lembrar Nietzsche (2005) - “só acredito em deuses que saibam dançar”:

Ogum me disse que dançá nagô é bom!  
Que dançá nagô é bom!  
Dançá nagô é bom!

Aparece um membro da multidão que reclama do barulho, dizendo ao ogan que tocava o atabaque que ele não estava escutando a missa direito. Imediatamente, o ogan<sup>4</sup> lhe responde: *“Meu senhor, aqui a gente reza cantando, acende uma vela e coloca um copo d’água no chão. Eu sei o que eu passei pra tá’qui. Ogum é meu pai! cumpro essa*

---

<sup>4</sup> Cargo de hierarquia masculina responsável pelo toque de atabaques, sacrifícios de animais, entre outras funções em uma casa de Candomblé ou Umbanda.



*promessa há mais de dez anos. Se quisé, tá convidado pra ficá'qui*". O reclamante pede desculpas e se retira. A roda aplaude e continua cantando. Não há lugar para a censura.

De repente, um membro da gira “recebe” um caboclo, mensageiro de Oxalá. O ogan pára de tocar o atabaque, levanta-se para “acordar o cavalo”. No momento em que isso acontecia, o padre anunciava pelos alto-falantes: a Paz de Cristo! As pessoas abraçam os conhecidos e os desconhecidos no meio da rua e desejam: a Paz de Cristo! Caboclos, Oxalá e Cristo (equivalentes sincréticos) se encontram no Campo de Santana a convite de São Jorge, de Ogum. O ogan retorna ao atabaque e continua a tocar. A paisagem pode ser percebida agora como lugar de encontro de diferentes formas de crer e de existir.

Em poucos minutos acontece o foguetório; pode-se escutar a banda da Polícia Militar – da qual São Jorge é patrono – tocando. A missa termina. A multidão aplaude e conclama: Viva São Jorge! A gira de umbanda, pequena de início, agora parece ter crescido. Pessoas e mais pessoas se juntam e formam uma enorme roda em frente à igreja. Outras pessoas saem da igreja e uma gigantesca fila, que dava dupla volta na Avenida Presidente Vargas, começa a entrar vagarosamente na igreja.

Na esquina da Avenida Presidente Vargas, em um palco montado, começa a celebração de uma missa campal. Leio a programação e descubro que haveria dez missas campais naquele espaço durante todo o dia, uma após a outra. O metrô já começara a funcionar e, pelo acesso da Avenida Presidente Vargas à Estação da Central do Brasil<sup>5</sup>, pessoas chegavam e iam embora. Provavelmente, vinham de ou iam para muitos destinos variados: de metrô ou de trem podia-se alcançar quase toda a cidade. Ainda havia os ônibus que improvisavam paradas na pista central da avenida, uma vez que a pista lateral estava fechada, abrigando fiéis, vendedores ambulantes e a longa fila para entrar na igreja.

Por volta das sete horas da manhã, decido tomar um café. Caminho em direção às barracas e aos bares por onde chegara. Descubro, então, o desjejum da multidão: samba, churrasco e cerveja. Lembro-me de um ponto que acabara de escutar na roda de umbanda:

Ogum não devia beber,

---

<sup>5</sup> Estação Central do Brasil é uma estação ferroviária, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro operada pela Supervia. É o ponto final dos trens que trafegam pela cidade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Ogum não devia fumar.  
A fumaça é a nuvem que passa,  
E a cerveja é a espuma do mar

Decido de pronto trocar meu café com pão e manteiga por uma cerveja e um pão com lingüiça. É dia de São Jorge, é dia de Ogum. É dia de festejar o sagrado. Caminho até as últimas barracas da rua e percebo que nas barracas onde antes havia jovens saídos da Lapa, agora se forma uma roda de candomblé que canta em ioruba quase como um lamento:

Ogum dê onirê.  
Irê, Ilê, Ogum já.  
Akoro dê, onirê,  
Irê, Ilê, Ogum já ô<sup>6</sup>.

O sagrado vivido naquele lugar desconhece limites rígidos entre diferentes religiões, espaço sagrado e espaço profano, diferenças pessoais, sejam quais forem. O sagrado vivido naquele lugar é uma fronteira aberta à convivência, à tolerância e aos atos de fé. São Jorge e Ogum fundam um lugar de convivência, um lugar de encontro.

Atos de fé vão se tornando atos de alegria. A fé que está na multidão que ruma de madrugada à Igreja de São Jorge está presente nas palavras do padre que professa a missa; está no fervor das giras de umbanda em frente à igreja; está na magia das rodas de candomblé que se formam ao longo da rua. Mas a fé está também nos que bebem cerveja e sambam no dia de “Jorge”; está nos corpos que celebram São Jorge e Ogum sem preconceitos.

Uma volta pelo lugar nos oferta uma paisagem instigante. Sisson (1986) esclarece que o Campo de Santana é um parque municipal que foi projetado pelo paisagista Glaziou, em estilo pitoresco, tendência paisagística ligada ao movimento romântico no século XIX. Nele se pode observar caminhos tortuosos, pontes com corrimões imitando tronco de árvores, árvores seculares, cuícas, patos, pavões, canteiros e bancos: uma rara área verde encravada ao lado da Avenida Presidente Vargas e em frente à Estação Central do Brasil.

Essa região da Central do Brasil é um entroncamento metrô-rodô-ferroviário de grande importância para a cidade, porque diariamente são milhares de cariocas e

---

<sup>6</sup> Tradução: Ogum guerreiro Rei de Irê. Irê é a casa de Ogum. A coroa de Onirê pertence a Ogum. Irê é a casa de Ogum.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

fluminenses que circulam por aí. É o principal pólo de ligação do Rio de Janeiro com a periferia do município. Os trilhos do metrô e dos trens suburbanos, bem como as largas vias de circulação de automóveis da Avenida Presidente Vargas, parecem emoldurar esse lugar ritual de São Jorge/Ogum e conectá-lo a diversos outros lugares.

No espaço denominado Praça da República, que rodeia o Campo de Santana, há diversos prédios públicos quase todos muito antigos como a antiga residência de Marechal Deodoro de onde ele saiu para a proclamação da república. Há um hospital municipal (Souza Aguiar), o Arquivo Nacional (que abrigou, de 1868 a 1983, a Casa da Moeda), uma unidade do Corpo de Bombeiros. A igreja de São Jorge se situa na esquina da rua da Alfândega e a Praça da República estando lateralmente colocada ao Campo de Santana. A festa de São Jorge acontece nesse espaço urbano que une o passado ao presente e que funciona como um centro de comércio (Saara) e de transportes metropolitanos.

Aqui ocorre uma interessante possibilidade de leitura mística. Conforme já demonstramos, Ogum é um orixá que reina sobre as estradas, especialmente as estradas com trilhos como as que recobrem as estradas-de-ferro dos trens da Central do Brasil e as linhas do metrô carioca, e sobre os meios de tecnologia. Já Exu, seu irmão, que na santeria cubana é inclusive compreendido como uma “qualidade” de Ogum, reina sobre a comunicação e o comércio, conforme também já adiantamos. A proximidade entre os dois orixás aparece espacializada nos terreiros de candomblé quando assentamentos de Exu e de Ogum são colocados na entrada dos terreiros. Visto sob este prisma, o Campo de Santana surge como um lugar privilegiado da presença desses dois orixás.

O dia segue entre missas campais, visitas e missas na igreja, atos de fé, muitas velas, muita gente, muita festa. Decido enfrentar a fila e entrar na igreja. Demoro mais de uma hora para consegui-lo. Bom humor e paciência são palavras de ordem. Seguranças da igreja passam “recolhendo” pessoas de idade e famílias com bebês para uma entrada especial, mais rápida. Entro na igreja tomado por forte emoção, ao mesmo tempo em que concedia uma entrevista a uma jornalista da “Folha de S.Paulo”, que desejava conhecer a minha opinião sobre o decreto do governador que instituíra o dia de São Jorge como feriado estadual. Respondo, imbuído de um sentimento de êxtase, que São Jorge/Ogum é a alma conciliatória dessa metrópole.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

O padre entusiasma a multidão dentro da igreja, com vivas a São Jorge. Ele informa que São Jorge é cultuado no mundo inteiro e que no dia consagrado a ele são realizadas festas em Portugal, Inglaterra, Grécia, Geórgia, Lituânia, Barcelona e também na cidade de Moscou, onde é santo padroeiro, e em Israel, onde é festejado por ter sido criado na cidade de Lida. O santo católico é universal e, ao que tudo indica, é papel da Igreja universalizá-lo, pois, no Brasil, São Jorge é conhecido como “o santo macumbeiro” – uma apropriação singular desse santo que traz duas questões: (i) uma grande popularidade, especialmente entre não-cristãos; (ii) um desvio do culto cristão ao santo.

Com dificuldades, alcanço a nave central da igreja e enxergo a imagem de São Jorge. O sacristão pede à multidão para abrir espaço, para que o padre possa passar para jogar água benta em todos. De repente, a banda da Polícia Militar entra pelas portas principais da igreja, tocando o Hino Nacional. As pessoas parecem se comprimir no espaço apertado e mais pessoas entram na nave central. Todos cantam. Ninguém reclama nem faz cara feia, somente aplausos.

No final do dia, uma banda toca *axé-music* em uma das barracas. Um grupo de homens dança ritmadamente ao lado da banda. Aos poucos, outros corpos acompanham as coreografias junto a eles. Agora, formam um grande grupo – todos dançam. “Gringos” que não sabem dançar entram no grupo. Eles dançam também.

Ao fundo, sobre um palco, uma banda toca samba. Corpos sambam: mulheres gordas e felizes levitam sensualmente sobre saltos altos no meio do asfalto em acorde com seus parceiros; casais acertam o passo e o compasso acelerado e elegante; mulheres dançam juntas. O culto ao corpo passa aqui por uma perspectiva diferenciada das academias de ginástica da Zona Sul da cidade. A sensualidade é múltipla. No fundo do palco, uma faixa anuncia: “A intolerância religiosa impede a cidadania e a democracia”.

Para essa multidão, não há como deixar de viver São Jorge e Ogum em seus tempos/espacos, em seus lugares de encontro. É preciso intermundificar-se com essa vivência. Ainda que saibamos que esse evento irá se esvair e que aquele lugar representa fluidos efêmeros e fortuitos encontros e que nenhuma espécie de identidade definitiva ou delimitada fora ali construída. Contudo, é preciso entender que essa vivência não se desprende dos corpos dos que ali estão. Como momentos de um pleno



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

viver, carregam essa experiência de comunhão. São corpos que compartilham lugares sagrados. Pertencimento e liberdade são fundamentos desse lugar.

Identificar-se nesses espaços-tempos é admitir o pertencimento, a liberdade, a transcendência e a infinita capacidade humana de se transformar. A identidade não restringe, ela amplia horizontes. Tal como o sagrado, ela pode romper limites e se fazer fronteira aberta em mundos libertários. São Jorge/Ogum efetivamente me mostraram Heidegger, Nietzsche - *não acredito em Deuses que não saibam dançar* - e Merleau-Ponty. É preciso pertencer para estar livre, é preciso se intermundificar para se tornar uma ponte. O sagrado vivido é composto de fronteiras que integram o sujeito ao mundo, o corpo ao lugar e o lugar ao espaço vivido. Nós nos fazemos ponte entre a experiência sagrada e o mundo cotidiano. Os espaços-lugares são acontecimentos: eventos, encontros, nodosidades e contigüidades.

Respondendo à nossa inquietação inicial, poderíamos dizer que compreendemos que, a partir do sagrado vivido, as relações de poder entre São Jorge e Ogum são iminentes capacidades de coexistência sem limites de distinção. É claro que poderíamos agregar outras possibilidades de abordagem sobre poder nessa questão que levantamos. Mas gostamos de afirmar que o poder que segmentos sociais subalternos possuem de se territorializarem é infinito, apesar de todos os pesares e de todos os poderes que se colocam contra essa existência.

### **3. A Batalha Inacabada: Reconsiderações em torno da cidade e da festa**

Paulo César da Costa Gomes (1996, p. 317) nos lembra que, para os geógrafos humanistas, o espaço vivido é uma dimensão da experiência humana dos lugares: “o espaço vivido torna-se uma categoria que acentua a constituição atual dos lugares, dedicando uma atenção especial às redes de valores e de significações materiais e afetivas”. Desse modo, o espaço se libertaria de sua concepção “concebida” que o entrelaça às correntes nostálgicas que o aprisionam ao passado ou a febres futuristas de planificação/planejamento.

Massey (2004) apresenta três proposições sobre como o espaço deve ser conceitualizado para fundamentar uma abordagem mais progressista do lugar: (i) a partir de aspectos relacionais; (ii) a partir da admissão da existência da multiplicidade; (iii) a partir de uma análise processual. Sendo relacional, pluricoexistente e processual,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

o espaço romperia com as “ciladas” de “reações defensivas e reacionárias” (MASSEY, 2000). A autora analisa como diferentes graus de movimento, de comunicação, de controle e de iniciação existentes no lugar estabelecem a geometria do poder entre os que detêm “posição de controle em relação à mobilidade” e aqueles que se situam na “extremidade receptora da compreensão espaço-tempo”.

Nesse caso, o lugar aparece como encontro; o espaço adquire uma característica singular mediante o encontro das diferenças e dos diferentes. Enquanto unidade inacabada, processual e em constante produção, o espaço também produz. Desse ponto de vista, identidades e singularidades locais adquirem dimensões não-essencialistas (anti-essencialistas, nas palavras da autora). Identidades e singularidades não são negadas, mas colocadas em outra perspectiva: a perspectiva relacional, processual e pluriexistencial.

Merleau-Ponty (1999, p. 14), ao propor a abordagem fenomenológica, indica que “o mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo”. Dessa forma, o autor defende que devemos nos debruçar sobre o que efetivamente vivenciamos como seres ou como corpos que transitam em um mundo que representa “o meio natural e campo de todos os pensamentos e percepções *explícitas*”.

Bachelard nos fala não apenas de um espaço vivido, mas de um *espaço feliz, espaço amado, espaço louvado e espaço imaginado*. Ao fundamentar suas colocações sobre essa valoração humanista sobre o espaço, ele fundou o conceito de topofilia (p. 18) para falar dessas projeções afetivas do homem sobre o *topos* que o abriga e que ele (o homem) o protege e o aclama. Em suas colocações sobre a poética do espaço, Bachelard se debruçou sobre as projeções imaginativas sobre o espaço, extraídas da literatura. A partir de uma série de imagens amplamente utilizadas por poetas, ele discute a habilidade humana de conferir valor afetivo ao espaço habitado.

Ainda, o espaço vivido diferencia-se do espaço concebido como perspectiva metodológica na Geografia, ou seja, o espaço vivido é fruto de investigações *simpáticas*<sup>7</sup> ou experimentais entre o pesquisador e o espaço ou a região que ele estuda; já o espaço concebido é fruto de uma concepção lógica do pensamento, onde o

---

<sup>7</sup> A simpatia é definida por Dartigues (2008, p. 61), ao falar da metodologia fenomenológica proposta por Max Scheler como modo de conhecimento que permite compreender aquilo que o pesquisador não experimenta.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

pesquisador se situa com distanciamento discreto de seu objeto e onde suas especulações podem ou não se tornar explícitas ou verdadeiras.

Se a cidade por nós realçada é fruto da relação *simpática* ou experimental entre objeto e pesquisador – e que transforma o pesquisador em objeto de pesquisa, devemos então esclarecer alguns pontos sobre a festa, do ponto de vista teórico-metodológico. Recorremos aos sentidos durkheimianos (DURKHEIM, 2003) das fronteiras flutuantes entre festa e religião e da aparição de solidariedade social nesses eventos, que nos permitem observar: i) a eventual dissolução das distancias sociais e as aproximações entre os indivíduos, ii) a efetivação de um estado de *efervescência coletiva*, e iii) a transgressão das norma coletivas que orientam e sustentam os indivíduos, identificando-os como seres sociais (CORRÊA, 2005:143).

Assim sendo, o estudo sobre a festa por nós abordada compreendeu e incorporou (transcorporou?) a sua ocorrência: a festa é uma festa *vivida* pelo pesquisador - com a entrada deste naquele meio social, com as dissoluções das fronteiras entre pesquisador e objeto e com a experiência do estado de emoção festivo e suas sensações profano-religiosas. Se essa alquimia acontece nessa qualidade de espaço e de evento é por que, antes de qualquer reflexão, estes permitem que os encontros aconteçam de forma fluída e propensos a explicitar de forma concreta e existencial o encontro dos diferentes.

Surge, então, um contraponto ao *espaço concebido* na tradição da Geografia Urbana, na Arquitetura e no Urbanismo: as formas de apropriação, criação e transformação funcional e cosmológica do espaço urbano. Mesmo dentro ou ao redor do espaço concebido, percebemos, pois, o poder da sociedade que subalternamente reverte o sentido das coisas planejadas, arquitetadas e construídas.

Antes de tudo, a cidade se firma a partir dos encontros que nela se estabelecem. O sentido da festa e o sentido do urbano se fundem nesse momento: nesta conjuntura espaço-temporal, a solidariedade social emerge como forma de poder hegemônico. Ainda que isso não consiga dissolver as estruturas socioeconômicas secularmente consolidadas. Amalgamando essas categorias, as religiosidades - em transformação e em processos de hibridização - permanecem com seus sentidos de verticalidades sobrenaturais e horizontalidades sociais. A geometria do poder é aqui subvertida e o lugar surge como fruto dessas verticalidades e horizontalidades populares.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

São Jorge e Ogum empreendem novas guerras com os mesmos (e antigos) objetivos: paz, liberdade e convivência social nos lugares de encontro da sociedade contemporânea.

#### 4. BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Livraria Eldorado Tijuca, Rio de Janeiro.

CORREA, Aureanice de Mello. Não acredito em deuses que não saibam dançar: a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Geografia: temas sobre cultura e espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005. p. 141-172.

DARTIGUES, André. *O que é a fenomenologia?* São Paulo: Centauro, 2008.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2005. 254p. (Coleção A Obra-Prima de Cada Autor).

SAHR, Wolf Dietrich. O mundo de São Jorge e Ogum: contribuição para uma geografia da religiosidade sincrética. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

SISSON, Rachel. Marcos históricos e configurações espaciais, um estudo de caso: os centros do Rio de Janeiro. *Arquitetura em Revista*, p. 87-91, 2. sem. 1986.